

Representações e práticas de violência conjugal em casais de diferentes meios socioprofissionais

Isabel Dias¹

Introdução

Na presente comunicação pretende-se dar a conhecer alguns resultados essenciais sobre práticas e representações de violência conjugal. Tais resultados, decorrem de um estudo intensivo sobre a violência doméstica, em que participaram 45 casais provenientes de diferentes meios socioprofissionais. Trata-se de famílias de operários, lavradores e pescadores, todas residentes numa freguesia do concelho de Matosinhos (Portugal).

Tentamos compreender de que forma a violência conjugal resulta da acção dos seus protagonistas e do significado que lhe é atribuído. Convocamos, para o efeito, conceitos tributários das teorias micro e macrosociológicas (da teoria dos recursos, da teoria da troca e do controlo social, do interaccionismo simbólico e das teorias feministas) da violência doméstica. Mas, foram, principalmente, os conceitos de formas de conjugalidade, género e classe social que orientaram a rede de questionamentos e de interpretações realizadas.

Através de uma metodologia intensiva-qualitativa procuramos resposta para as seguintes interrogações: Que razões é que estão na origem da violência conjugal? Como é

¹ Professora Auxiliar no Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigadora do Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto.

que a mulher reage às agressões? Como é que se sente o próprio agressor após ter sido violento?

A análise destas variáveis e de outras relativas às práticas de violência conjugal, articulou o nível prático e simbólico da violência conjugal, tentando-se, sempre, compreender a sua maior ou menor proximidade.

2. Questões de pesquisa

Vários foram os conceitos evocados para a compreensão das representações e práticas de violência conjugal. Da teoria dos recursos retivemos o conceito de poder, entendido como a “capacidade de um actor influenciar o comportamento do outro” (Bersani e Chen, 1988, p. 60). Da teoria da troca e do controlo social, adoptámos as premissas desenvolvidas por R. Gelles (1983), segundo as quais os indivíduos são violentos na família quando os custos daí decorrentes não ultrapassam os benefícios e de que o incremento da violência advém da ausência de mecanismos de controlo social e de sanções sobre os agressores (p. 157). O interaccionismo simbólico, orientou o nosso olhar para a procura dos significados da violência, o seu processo de construção e mudança, bem como para as suas conseqüências na vida conjugal e familiar². As perspectivas feministas alertaram-nos não só para a estratificação interna da vida familiar em função do género e para os processos desiguais de troca daí decorrentes, como também nos levaram a equacionar o problema da violência quer como meio de controlo do homem sobre a mulher e os filhos, quer como manifestação de poder. A violência contra as mulheres está, assim, associada à implementação progressiva da família nuclear e à prevalência de certos traços patriarcais.

Todavia, as hipóteses de pesquisa articulam os conceitos fundamentais de formas de conjugalidade, género e classe social. Assim, procurámos observar a relação entre formas de conjugalidade (institucional, aliança, fusão e associação) com representações e práticas de violência. Trata-se, aqui, de afirmar que quanto mais institucional for a forma de conjugalidade, maior será a sua predisposição para as referidas práticas, mas também para a prevalência de representações legitimadoras da violência, sobretudo por parte do agressor. Tal hipótese, remete-nos, de igual modo, para a importância do género e das assimetrias daí decorrentes, as quais para além de funcionarem como elemento explicativo de diferentes

² Para uma consulta pormenorizada das premissas adoptadas na presente pesquisa do Interaccionismo Simbólico e das restantes teorias mencionadas, consultar Isabel Dias, *Representações e práticas de violência doméstica em famílias de diferentes meios socioprofissionais*, dissertação de doutoramento, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002.

representações sobre a violência conjugal continuam a estar na sua origem, bem como da persistência do estatuto de vítima (feminina) e de agressor (masculino). A nossa segunda hipótese, refere-se, por isso, e em termos gerais, aos efeitos de género.

Uma última hipótese remete-nos para a especificidade das referidas práticas e representações, em função da pertença dos entrevistados a diferentes meios socioprofissionais.

3. Metodologia

No plano metodológico, o estudo da violência conjugal seguiu o caminho lógico delineado pelo método de análise intensiva. A informação foi fundamentalmente recolhida através de entrevistas semi-estruturadas, sendo a sua codificação e análise apoiada pelo NUD*IST – versão 6 (Non-Numerical Unstructured Data Indexing Searching and Theorizing). Apesar de se destinar ao tratamento de material empírico pouco estruturado, este software permite a organização dos dados em tabelas de ocorrência e a sua exportação para outros pacotes estatísticos (por exemplo, o SPSS).

As entrevistas foram realizadas a 45 casais profissionalmente activos, com filhos em idade escolar, situados nos diferentes meios sócio-económicos existentes na localidade estudada e com alguma história conhecida de violência conjugal. Os casais foram seleccionados, primeiro, intencionalmente³, depois em bola de neve⁴. Combinando-se estes dois procedimentos de amostragem, passámos de uma população anónima a uma amostra identificada. As entrevistas foram administradas a cada membro do casal individualmente, e conheceram diferentes graus de intensidade. Através delas, homens e mulheres falaram das suas experiências de violência, revelando o modo como as construções simbólicas neste domínio, orientam (as suas) práticas concretas.

4. Resultados

4.1. “Por que se faz”: razões da violência conjugal

Começamos pelas razões que estão na origem da violência conjugal entre os casais estudados. Observa-se que os problemas conjugais e familiares surgem como uma das principais razões da violência conjugal, sobretudo entre os pescadores. É o caso de

³ Recorrendo-se, para o efeito, a informantes privilegiados.

⁴ Em bola de neve foi-se acrescentando, para cada meio social estudado, outros casais, até estar completa a amostra final.

Eduardo, que diz: “(...) *Ela não se cala e eu alterava-me. Outras vezes, por causa dos filhos, ela bate-lhes e eu começo a ralhar com ela*”⁵.

No âmbito dos problemas conjugais, também se encontram referências aos ciúmes e à suspeita de infidelidade, como acontece com Rute, que diz que o marido é “*muito desconfiado*”: “*Eu num podia estar com a minha mãe, num podia estar com ninguém, ele batia-me.*”⁶.

De seguida, os pescadores e alguns operários consideram que a violência conjugal ocorre devido ao comportamento e personalidade da mulher. Francisco afirma: “*Ela num aceita nada. Só ela é que sabe. Também é preciso ter respeito*”⁷.

As mulheres admitem, igualmente, a importância do seu comportamento como causa da violência conjugal. Virgínia, por exemplo, conta: “*Ele bateu-me por ter chegado tarde para fazer o comer*”⁸. No entanto, elas atribuem a violência conjugal, sobretudo, ao comportamento/personalidade do homem. Natércia salienta: “*Às vezes se isto fosse uma pedra, tinha que ser uma pedra. Ele tinha que ter sempre razão*”⁹. Os homens enfatizam os problemas profissionais e financeiros como causa da violência conjugal.

4.2. “O que se pensa”: as representações

Na generalidade, os homens entrevistados discordam que o homem agrida fisicamente a mulher. Todavia, as razões para tal não estão associadas ao respeito pela sua integridade física, mas à persistência de um conjunto de estereótipos tradicionais a propósito da “fragilidade” feminina. Assim, os entrevistados, principalmente os agricultores, discordam que o homem agrida a mulher devido à sua inferioridade física. Refere Arnaldo: “*Acho mal, porque a mulher é um ser assim mais fraco que o homem não deve fazer mal*”¹⁰.

⁵ Entrevista n.º 18, Eduardo, pescador, 34 anos.

⁶ Entrevista n.º 4, Rute, operária, 52 anos.

⁷ Entrevista n.º 5, Francisco, operário, 60 anos.

⁸ Entrevista n.º 28, Virgínia, pescadora, 44 anos.

⁹ Entrevista n.º 22, Natércia, pescadora, 37 anos.

¹⁰ Entrevista n.º 31, Arnaldo, agricultor, 47 anos.

Os entrevistados também discordam que a mulher agrida o homem, porque é ainda mais intolerável do que a situação oposta. Eliseu afirma: *“É feio o homem bater na mulher mas muito mais feio é a mulher bater no homem”*¹¹.

As mulheres, tal como os homens, discordam da violência conjugal, independentemente de ser o homem ou a mulher o(a) maltratante. Mas, paradoxalmente, consideram que não é correcto um homem bater numa mulher devido à sua inferioridade biológica. A este propósito, Isália afirma: *“somos o ponto mais fraco”*¹². *Um homem tem força e a gente não*¹³. Isto significa que a diferença biológica entre os sexos emerge como a justificação natural da violência conjugal, ou seja, como justificação da diferença socialmente construída entre os géneros e que continua a impedir as mulheres de se libertarem da sua condição histórica de vítimas (cf. Bourdieu, 1998, p. 16).

No que concerne à possibilidade de ser a mulher a agredir o homem, as entrevistadas referem que é mais intolerável do que o contrário. Por outras palavras, *“um homem bater na mulher é feio, mas uma mulher bater no homem é muito mais feio, muito mais”*¹⁴. Isto significa que o homem é representado como o agressor mais comum e natural. Assim, apesar da presença da noção de que os direitos entre ambos os sexos *“são iguais”*¹⁵, a violência é entendida como sendo mais legítima e socialmente mais aceitável quando é praticada pelo homem sobre a mulher.

4.3. Práticas de violência conjugal

Entre os entrevistados, a violência física é a forma de violência conjugal dominante, o que é admitido principalmente pelos pescadores e pelas pescadoras. Eduardo, por exemplo, diz: *“Eu não olhava. Era ao soco, ao pontapé, era onde agarrava”*¹⁶. As mulheres referem que são igualmente vítimas de violência verbal, a qual tende a coexistir com outras formas de violência.

No entanto, o quadro n.º 1 revela-nos que os homens admitem agredir ou ter agredido as respectivas mulheres sobretudo de forma física. Tal remete-nos para a

¹¹ Entrevista n.º 16, Eliseu, pescador, 48 anos.

¹² Entrevista n.º 43, Isália, agricultora, 36 anos.

¹³ Entrevista n.º 43, Isália, agricultora, 36 anos.

¹⁴ Entrevista n.º 5, Dulce, operária, 32 anos.

¹⁵ Entrevista n.º 29, Zulmira, pescadora, 43 anos.

¹⁶ Entrevista n.º 18, Eduardo, pescador, 34 anos.

descoincidência entre o discurso feminino, que é o das vítimas, e o discurso masculino, que é o dos agressores.

Quadro N.º 1

Práticas de violência conjugal*

| | Meio socioprofissional | | | | | | Total | |
|--|------------------------|---|---------------|---|-----------------|---|-------|----|
| | Operários/as | | Pescadores/as | | Agricultores/as | | H | M |
| | H | M | H | M | H | M | | |
| Homem agride com as “mãos” e os “pés” (e.g., socos, bofetadas, pontapés, puxar os cabelos, arrastar pelos cabelos, asfixiar) | 2 | 4 | 9 | 9 | - | - | 11 | 13 |
| Homem agride com “qualquer objecto” | - | 1 | - | - | - | - | - | 1 |
| Homem agride com objectos com a finalidade de “magoar” (e.g., navalha) | - | - | - | 1 | - | - | - | 1 |
| Homem “parte e atira objectos de uso doméstico” | - | - | - | 2 | - | - | - | 2 |
| Homem agride com “insultos”/“ameaças” | 1 | 2 | 1 | 3 | - | 1 | 2 | 6 |

*Este quadro regista as respostas dos entrevistados a uma questão de escolha múltipla

Observemos, de seguida, se existe homogeneidade entre a forma como os entrevistados agrediram ou agredem as mulheres e o modo como consideram que o homem e a mulher são maltratantes na conjugalidade.

Entre os entrevistados é comum a representação de que o homem agride a mulher sobretudo “fisicamente”¹⁷. Para o efeito, utiliza as mãos, como refere Joaquim: “(...) *um homem para bater numa mulher basta assentar a mão...*”¹⁸. Os homens também agredem a “pontapé”¹⁹ ou, simplesmente, “maltratam” e “espancam a mulher”²⁰. Associada a estas práticas de violência física está a violência verbal. Deolinda afirma: “Os homens é por insultos e por espancamento”²¹.

¹⁷ Entrevista n.º 8, Emília, operária, 31 anos; Entrevista n.º 8, Flávio, operário, 43 anos.

¹⁸ Entrevista n.º 27, Joaquim, pescador, 44 anos.

¹⁹ Entrevista n.º 18, Irene, pescadora, 32 anos.

²⁰ Entrevista n.º 17, Pedro, pescador, 47 anos.

²¹ Entrevista n.º 7, Deolinda, operária, 33 anos.

Quadro N.º 2

Representações sobre as práticas de violência conjugal masculina*

| | Meio socioprofissional | | | | | | Total | |
|--|------------------------|----|---------------|----|-----------------|----|-------|----|
| | Operários/as | | Pescadores/as | | Agricultores/as | | H | M |
| | H | M | H | M | H | M | H | M |
| O homem agride “fisicamente”/“espanca” (e.g., murros, sapatadas, pontapés, bofetadas) | 15 | 16 | 15 | 12 | 11 | 13 | 41 | 41 |
| O homem agride com “chicote” e “cinto” | - | 1 | - | 1 | - | 2 | - | 4 |
| O homem agride com “paus” | 1 | 1 | 2 | 1 | 2 | - | 5 | 2 |
| O homem agride com “armas” | 1 | - | - | - | 1 | - | 2 | - |
| O homem agride com “objectos de uso doméstico” (e.g., tachos, panelas, bancos, garrafas, rolo da massa, vassoura), ou com qualquer objecto | 2 | 5 | 1 | 2 | 5 | 5 | 8 | 12 |
| O homem agride com “palavras”, “maneira de falar”, “insultos” e “palavrões” | 9 | 7 | 2 | 1 | 3 | 2 | 14 | 10 |

*Este quadro regista as respostas dos entrevistados a uma questão de escolha múltipla

O quadro n.º 2 mostra-nos que, para os entrevistados, os homens também recorrem a objectos de uso doméstico ou qualquer objecto para agredirem as mulheres. Balbino refere que alguns homens atiram às mulheres objectos como, por exemplo, “*uma panela, um tacho, uma garrafa*”²², ou seja, o que “*tiverem à mão*”²³.

Em suma, independentemente do género, entre os entrevistados prevalece a representação de que na conjugalidade o homem agride a mulher, principalmente de forma física. Por outras palavras, inflige-lhe murros, sapatadas, bofetadas, pontapés, ou seja, recorre a práticas que requerem a dominância física do maltratante sobre a vítima. Segue-se a violência verbal, que é, inclusive, mais enfatizada pelos homens²⁴, ainda que as mulheres reconheçam que os seus efeitos são psíquica e afectivamente mais graves do que os da violência física.

²² Entrevista n.º 40, Balbino, agricultor, 28 anos.

²³ Entrevista n.º 30, Ilda, pescadora, 30anos.

²⁴ Embora ao nível das práticas de violência por eles perpetradas admitam menos do que as mulheres que recorrem à violência verbal.

Em contrapartida, a mulher maltrata o homem principalmente de forma verbal. Todavia, o predomínio da representação de que as mulheres agredem os homens verbalmente, continua muito associado ao estereótipo de que elas *“fisicamente não têm hipótese”*²⁵. Esta forma de violência feminina está representacionalmente associada a uma outra, nomeadamente aos ciúmes. Implícito aos ciúmes está a infidelidade: *“(…) elas são infiéis para magoar o homem”*²⁶.

Quadro N.º 3

Representações sobre as práticas de violência conjugal feminina*

| | Meio socioprofissional | | | | | | Total | |
|---|------------------------|----|---------------|----|-----------------|----|-------|----|
| | Operários/as | | Pescadores/as | | Agricultores/as | | H | M |
| | H | M | H | M | H | M | | |
| A mulher agride “fisicamente” (e.g., murros, sapatadas, bofetadas) | 3 | 1 | 2 | 2 | 1 | 2 | 6 | 5 |
| A mulher agride com “paus” | - | - | 3 | - | 3 | 2 | 6 | 2 |
| A mulher agride com “armas” (e.g., pistola e facas) | - | - | 2 | - | - | - | 2 | - |
| A mulher usa “veneno” | - | - | 1 | - | - | - | 1 | - |
| A mulher agride com “objectos de uso doméstico” (e.g., tachos, panelas, bancos, garrafas, rolo da massa, vassoura), ou com “qualquer objecto” | 2 | - | 5 | 1 | 2 | 2 | 9 | 3 |
| A mulher agride com “palavras”, “maneira de falar”, “insultos” e “palavrões” | 17 | 15 | 13 | 15 | 17 | 16 | 47 | 46 |

²⁵ Entrevista n.º 11, Alfredo, operário, 42 anos.

²⁶ Entrevista n.º 14, Diamantino, operário, 53 anos.

| | | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|---|---|----|
| A mulher agride com “ciúmes”/ “infidelidade” | 1 | 1 | 2 | 6 | 3 | 3 | 6 | 10 |
|--|---|---|---|---|---|---|---|----|

*Este quadro regista as respostas dos entrevistados a uma questão de escolha múltipla.

Tais resultados revelam-nos que existe coincidência entre o nível das representações e o das práticas de violência nos casais estudados. Assim, é comum aos dois sexos a representação de que o homem agride fisicamente dada a sua condição de ser masculino dominante e a mulher agride verbalmente devido à sua especificidade e inferioridade biológica. Deste modo, ao evidenciar uma relação entre modalidades de agressão e género, esta representação contribui para acentuar a “diferença” (cf. Amâncio, 1994).

5. Reacção da mulher à violência conjugal

Entre as entrevistadas, a reacção dominante da mulher à violência conjugal é de conformismo e tristeza. Tal sucede com Nazaré, que afirma: *“Eu calava-me e protegia-me para ele não me aleijar”*²⁷. Todavia, existem exemplos em que o referido conformismo não é total. Cansada da violência, Rute conta: *“Agora eu defendo-me, que ele já me botou um braço ao peito”*²⁸. Por vezes, esta reacção de auto-defesa desencadeava ainda mais violência. Tal acontecia com Eduardo quando percebia que a mulher tinha aquela intenção: *“Ela tentava virar-se a mim. Tu vens para quê? Eu mando-te um murro que desfaço-te desgraçada”*²⁹. A reacção de defesa, a par do facto de algumas mulheres terem pensado em separar-se do maltratante, constituem uma excepção entre as mulheres maltratadas.

6. Por que é que as mulheres não os abandonaram?

Entre as nossas entrevistadas a resposta para esta questão fundamenta-se numa série de argumentos. Assim, em primeiro lugar, elas não abandonaram os maridos porque se sentiam afectivamente ligadas a eles. Aurora conta: *“Eu gostava dele e ia deixá-lo ficar, para quê? Para depois andar atrás dele, não”*³⁰. Também não o fizeram porque, entretanto, os maridos deixaram de ser violentos, pelo menos fisicamente. Foi o que sucedeu com o marido de Perpétua, de quem afirma: *“Não, nunca mais me bateu! Chamar às vezes assim com a aflição nomes,*

²⁷ Entrevista n.º 25, Nazaré, pescadora, 43 anos.

²⁸ Entrevista n.º 4, Rute, operária, 52 anos.

²⁹ Entrevista n.º 18, Eduardo, pescador, 34 anos.

³⁰ Entrevista n.º 27, Aurora, pescadora, 49 anos.

*chama-me...*³¹. Os filhos foram, de igual modo, uma terceira razão que levou estas mulheres a permanecer numa relação conjugal violenta. Também foi importante a falta de apoios sentida por algumas mulheres.

Outras mulheres não abandonaram o maltratante por vergonha. É o caso de Nazaré, que diz: “(...) *Não estou para andar a fazer vergonhas nem para dar que falar ao povo. (...) Eu calo-me e meto-me em casa*”³². Este sentimento também é referido por Rute, só que para além da “*vergonha*”, ela considera que é a sua “*cruz*”, afirmando: “*Já sei que tenho que aguentar*”³³.

Assim, o sentimento de vergonha, a par da noção de que a violência é uma espécie de “*cruz*” que a mulher tem que aguentar, são, em parte, alimentados pela estrutura normativa que impede estas mulheres de procurar soluções alternativas. Todavia, importa salientar que, para algumas mulheres, o facto de serem agredidas, por si só, não justifica a separação conjugal. É o que afirma Nazaré: “*O meu caso num dá... uma bofetada ou duas ou uma palavra a mais não dá para uma separação*”³⁴. Esta atitude é reveladora da ausência de sanções sobre os agressores, inclusive por parte das vítimas (cf. Gelles, 1983).

7. Reacção do agressor

No presente estudo, pretendemos igualmente compreender o que é que o homem sente ou sentiu após ter sido violento com a mulher. Com efeito, entre os agressores, o sentimento dominante é o arrependimento. Tal sucedeu com Afonso, que afirma: “*Depois arrependi-me, mas já não é que adiantasse arrepender depois de acontecer as coisas*”³⁵. Isto significa que, mesmo que o homem se sinta arrependido, quase sempre já é demasiado “*tarde*”. É o que refere Tomé: “*Arrependi-me, mas sabe como é, a pessoa arrepende-se quando já é... tarde*”³⁶, ou seja, quando já não se consegue controlar a violência e as suas consequências. Não obstante este sentimento, os homens nunca pedem desculpa pelas agressões que infligem: “*Não, não, isso não*”³⁷.

³¹ Entrevista n.º 20, Perpétua, pescadora, 47 anos.

³² Entrevista n.º 25, Nazaré, pescadora, 43 anos.

³³ Entrevista n.º 4, Rute, operária, 52 anos.

³⁴ Entrevista n.º 25, Nazaré, pescadora, 43 anos.

³⁵ Entrevista n.º 19, Afonso, pescador, 37 anos.

³⁶ Entrevista n.º 24, Tomé, pescador, 49 anos.

³⁷ Entrevista n.º 2, Amadeu, operário, 49 anos.

8. Conclusão

Na generalidade, os resultados mostram que entrevistados dos três meios socioprofissionais recusam, no discurso, a violência conjugal, mas que a praticam, sobretudo os operários e os pescadores. Esta rejeição sustenta-se em fortes estereótipos de género, na medida em que a violência perpetrada pelo homem na mulher é inaceitável, principalmente, devido à diferença biológica entre ambos. Deste modo, como a mulher é fisicamente inferior ao homem, a relação de força será sempre desigual. Por isso, aquele é o principal agressor da mulher, até porque o contrário seria socialmente mais intolerável. Neste sentido, o homem é representado como o agressor mais comum e “natural” da mulher, enquanto esta é representada como a vítima adequada e geralmente passiva. Somente em auto-defesa algumas entrevistadas toleram que a mulher seja, igualmente, maltratante do homem. Em contrapartida, para os entrevistados, tal só poderá suceder quando um homem não consegue impor a sua “masculinidade” (cf. Almeida, 1995), permitindo à mulher margens significativas de poder.

Ao nível das razões invocadas pelos entrevistados sobre a violência conjugal, em geral, observámos não só uma proximidade entre representações e práticas, mas também de género. Com efeito, a infidelidade e os ciúmes são, segundo homens e mulheres, as principais razões para a violência perpetrada contra a mulher. De resto, é socialmente esperado que um homem reaja de forma violenta em contextos de infidelidade (cf. Pais, 1996). É ainda comum aos dois sexos a representação de que a violência está associada a certos comportamentos aditivos, nomeadamente ao alcoolismo.

Porém, os entrevistados afastam-se quando as mulheres atribuem a violência ao comportamento e personalidade do homem, muito conotada com uma certa ideologia “machista”; os homens consideram que é o comportamento da mulher desfasado da representação tradicional de “boa mãe” e “dona de casa” que está na origem da violência que as vitima. Implícita à violência está igualmente a desobediência da mulher às directivas do homem e a divergência de opiniões. Assim, ele recorre à violência como forma de manutenção da sua posição de dominação (cf. Dobash e Dobash, 1992). Neste caso, algumas mulheres reconhecem que a violência que as vitima é legítima, uma vez que o seu comportamento coloca em causa a autoridade do homem (cf. Matos, 2002. p. 99).

A centralidade da infidelidade e dos ciúmes foi de novo observável nas razões que, ao nível das representações, conduzem a mulher a agredir o homem. Todavia, mesmo neste

caso, a condição feminina de “vítima histórica” é reforçada, na medida em que os entrevistados atribuem a violência perpetrada pela mulher ao comportamento inadequado do homem. Por outras palavras, a mulher agride o homem quando este não desempenha o papel instrumental, deixando assim de assegurar a subsistência da família, ou quando ela chega ao limite do que é suportável em termos de maus tratos. Neste caso, considera-se legítimo a mulher maltratar o homem.

Em relação às práticas de violência conjugal existe plena coincidência com o nível simbólico, na medida em que os entrevistados referem que o homem agride a mulher fundamentalmente de forma física, enquanto esta recorre sobretudo à violência verbal (cf. Casimiro, 2002, p. 612). Porém, estas formas de violência não só tendem a coexistir, como ainda se associam, por exemplo, entre os homens, a outras mais contundentes, nomeadamente ao recurso a qualquer objecto. As mulheres, para além da agressão verbal, invocam os ciúmes e ameaçam com a sua infidelidade. Tal reforça, indirectamente, o lugar central dos valores (aliança) de fidelidade e de perenidade no universo simbólico dos entrevistados. Reforça, ainda, a representação estereotipada sobre as práticas de violência próprias de cada género. Assim, o homem dá murros, bofetadas e pontapés devido à sua superioridade física. À mulher resta a agressão verbal, dada a sua inferioridade neste campo. Deste modo, existe uma relação biológica inversa que conduz cada género a recorrer a práticas socialmente construídas como sendo as mais adequadas à sua condição física. Esta reflecte, sobretudo, o processo de construção social do modo de ser masculino dominante e do modo de ser feminino específico, que recorre, por isso, a práticas que, não desvirtuando essa especificidade, acentuam e reproduzem a diferença (cf. Amâncio, 1994).

Ao nível da reacção das mulheres à violência, estas mulheres não reagem à violência, quando muito apenas se protegem, por exemplo, em auto-defesa; outras pensaram na separação. Todavia não o fizeram por razões afectivas, por causa dos filhos, porque o cônjuge deixou de ser (fisicamente) violento, por falta de apoios e, por fim, devido ao constrangimento de certas normas sociais. Tal corrobora as premissas de Gelles (1983), segundo as quais os indivíduos são violentos na família quando os custos daí decorrentes não ultrapassam os benefícios (p. 157). Com efeito, para além de as mulheres vítimas de violência não terem abandonado os seus perpetradores, estes homens não foram alvo de quaisquer sanções. Pelo contrário, são precisamente as vítimas que ainda sentem o peso dos mecanismos de controlo social.

De qualquer modo, entre os maltratantes o sentimento dominante é o de arrependimento. Todavia, este não é suficiente para pedir “desculpa” às vítimas, que são

peças com quem mantêm uma grande proximidade relacional. Tal revela um efeito de ética socialmente inculcada de masculinidade mais tradicionalista que é, como já foi demonstrado, comum nos meios socioprofissionais estudados.

Por último, entre os agricultores não há indícios de práticas de violência conjugal. Em contrapartida, estas práticas encontram-se apenas entre os operários e os pescadores, os quais continuam a agredir as mulheres principalmente de forma física, embora estas refiram que também são maltratadas verbalmente. Tais práticas inscrevem-se, em modelos de casamento mais institucionais e assimétricos, ainda que a finalidade da união seja a solidariedade afectiva. Tal reforça o carácter paradoxal da família dos entrevistados e demonstra que os processos de mudança ao nível das representações e práticas relativas à conjugalidade e à própria violência são, entre as famílias estudadas, lentos e graduais.

Bibliografia

ALMEIDA, Miguel Vale (1995), *Senhores de Si. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*, Lisboa, Fim de Século Edições.

AMÂNCIO, Lúcia (1994), *Masculino e Feminino. A Construção Social da Diferença*, Porto, Edições Afrontamento.

BERSANI, Carl A.; CHEN, Huey-Tsyh (1988), "Sociological perspectives in family violence", in Vincent B. Van Hasselt et al. (eds.), *Handbook of Family Violence*, Plenum Press, New York, pp. 57-88.

BOURDIEU, Pierre (1998), *La Domination Masculine*, France, Éditions du Seuil.

CASIMIRO, Cláudia Costa (2002), "Representações sociais da violência conjugal", in *Análise Social*, nº 163, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pp. 603-630.

DOBASH, R. Emerson; DOBASH, Russell P. (1992), *Women, Violence & Social Change*, New York, Routledge.

GELLES, Richard J. (1983), "An exchange/social control theory", in David Finkelhor et al. (eds.), *The Dark Side of Families. Current Family Violence Research*, Newbury Park, California, Sage Publications, pp. 155-165.

MATOS, Marlene (2002), "Violência conjugal", in Rui Abrunhosa Gonçalves; Carla Machado (coords.), *Violência e Vítimas de Crimes*, vol 1. – Adultos, Coimbra, Quarteto Editora.

PAIS, Elza (1996), *Rupturas Violentas da Conjugalidade: Os Contextos do Homicídio Conjugal*, Dissertação de mestrado, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa.